

O que tem a dizer hoje Cristo Médico ao Médico

«A sogra de Simão estava de cama com muita febre.» Possa Cristo vir a nossa casa, entrar e curar com uma só palavra a febre dos nossos pecados. Todos nós temos febre. De cada vez que nos encolerizamos, ficamos com febre; todos os nossos defeitos são outros tantos acessos de febre. Peçamos aos apóstolos que intercedam junto de Jesus, para que Ele Se aproxime de nós e nos tome pela mão; pois logo que Ele nos tome pela mão a febre desaparecerá.

É Ele o verdadeiro, o grande médico, o primeiro de todos os médicos. Moisés é um médico, Isaías e todos os santos são médicos; mas Jesus é o primeiro de todos os médicos. Ele sabe perfeitamente tomar o pulso e sondar os segredos das doenças. Não toca na orelha nem na fronte, nem em nenhuma outra parte do corpo, mas agarra na mão [...], isto é, nas obras más. Primeiro cura as obras e depois a febre desaparece.

São Jerónimo (347-420), presbítero, tradutor da Bíblia, doutor da Igreja
Homilias sobre o evangelho de Marcos, n.º 2C; PLS 2, 125s, SC 494

1- Introdução:

Começo esta conferência com uma citação de S. Jerónimo para situar a utilização deste título cristológico, hoje pouco usado: Cristo médico.

Não é uma mera conveniência a ligação do exercício da medicina com a acção salvífica de Jesus. Como vimos na citação é um título que está bastante recolhido pelos padres da Igreja nos primeiros séculos da Igreja. S. Agostinho talvez seja o Padre que mais referências faz a este título. Dada a proximidade da raiz etimológica latina e grega da palavra saúde e salvação¹ não estranha a utilização dos títulos cristológicos, Salvador e médico, já que ambos querem significar a mesma coisa.

Com Jesus a função de ser Rafael (medicina de Deus), deixa de ser uma missão própria de um anjo mas passa a ser assumida na sua plenitude pelo Filho de Deus. O Pai já não necessita enviar um mensageiro, ou uma mensagem de salvação, agora Ele mesmo através de Seu Filho se faz medicina para todos nós.

Mas não se trata aqui de fazer uma arqueologia do título cristológico antes, regressar a ele para ver que nos pode hoje ajudar a nós, médicos, a melhor exercer a profissão. Já vimos que médico e salvador são uma e a mesma coisa em Cristo. O título médico não se refere a uma característica particular de Jesus Cristo senão à Sua missão, à Sua pessoa. Vamos assim indicar

¹ A palavra salvação, tem sua origem no grego *soteria*, transmitindo a ideia de cura, redenção, remédio e resgate; no latim *salvare*, que significa 'salvar', e também de 'salus', que significa ajuda ou saúde.

algumas dessas características que, a meu ver, podem ajudar hoje a cada médico a ser melhor discípulo de Jesus.

Para isso vou em primeiro lugar destacar algumas passagens que me parecem bastante ilustrativas da acção médica de Jesus. Depois indicarei (sem pretensão de ser exaustivo) algumas características que, desta acção de Jesus, podem ser modelo para o exercício da medicina.

1- Cristo médico

Talvez estejam à espera de um comentário aos milagres que Jesus foi realizando ao longo do tempo da sua vida pública. Nestes é bem patente o seu exercício de médico. Jesus cura, efectivamente, febres, leprosos, coxos, cegos, endemoniados (vários exegetas vêm nestes relatos a acção médica de Jesus como psiquiatra) até reanima corpos inanimados (mortos). Mas nada destes sinais é realmente importante na sua acção. O que realmente importa nestes milagres é que eles são sinas da presença e acção do Reino, presença da acção salvífica de Deus. São sinal de que o messias prometido desde antigo já está presente e actuando entre nós. Gostava de me deter em algumas passagens que me parecem ilustradoras da acção médica de Jesus para além destes gestos “óbvios” da sua acção médica.

Lc 4, 16-21

Veio a Nazaré, onde tinha sido criado. Segundo o seu costume, entrou em dia de sábado na sinagoga e levantou-se para ler. Entregaram-lhe o livro do profeta Isaías e, desenrolando-o, deparou com a passagem em que está escrito: *«O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor.»* Depois, enrolou o livro, entregou-o ao responsável e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Começou, então, a dizer-lhes: *«Cumriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir.»*

Este texto do evangelho de São Lucas relata-nos a primeira acção pública de Jesus depois do seu baptismo e tempo de discernimento da sua missão no deserto onde foi tentado. Nele assume uma profecia de Isaías, o mesmo profeta que descreve a figura de servo de Yavé que Jesus assume como o seu modo de ser o messias de Deus. Aqui é claro que Jesus não se identifica com alguém que quer impor um regime político ou um modo de independência

política. Assume-se como alguém que quer a libertação de todo tipo de escravidões que aprisionam as pessoas: físicas, psíquicas e jurídicas. Esta é a missão que Jesus assume e com a qual se identifica. Podemos dizer mesmo que esta passagem de Isaías é um retrato autobiográfico de Jesus.

Não é de estranhar que as primeiras acções de Jesus sejam, precisamente, curações. Sinais de que esta libertação já chegou. A sua missão como messias identifica-se com a sua acção médica: Jesus cura.

Tipologicamente podemos afirmar que a salvação é a restauração da condição prévia à queda dos primeiros pais. O regresso ao paraíso de onde fomos expulsos inclui a recuperação e restabelecimento da saúde. Recordemos que na visão mitológica presente nos 12 primeiros livros do Génesis todos os males derivam directamente da expulsão do paraíso acontecida por Adão e Eva terem provado da fruta da árvore proibida. Salvação como restauração de uma condição perdida ou antes restauração como nova condição que Deus, por seu filho, nos quer entregar.

É disto que este texto de Isaías trata: anunciar a boa nova (=evangelho), libertar os presos, dar a vista aos cegos, libertar oprimidos, ano da graça (i.e. todas as situações regressam ao estado original). É neste âmbito que Jesus médico aparece neste texto. Não se trata só de situações de injustiças, económicas sociais e morais que é necessário renovar, é também importante recuperar e restaurar a saúde (recuperar a vista aparece aqui como exemplo).

Este é o primeiro rasgo de Jesus médico que gostava de salientar. A presença do Reino mostra-se no facto de que as pessoas ficam curadas das doenças que as afectam. Contudo há algo mais nestes relatos que importa salientar. Não interessa tanto o resultado físico da cura mas antes a restituição da integridade e totalidade da pessoa (o apelo à fé nEle). Jesus cura não só o sintoma mas, sobretudo, a pessoa.

A este respeito é importante olharmos para a figura de Jesus e a sua pedagogia no encontro com a Samaritana no Evangelho de João, Jo 4, 1-42. É certo que aqui não se trata de uma cena de um milagre que Jesus realiza. Contudo o modo como Jesus vai ajudando a mulher a relatar a sua realidade é também indicador do modo como podemos “restaurar” a pessoa. Tentem ler este diálogo de Jesus com a samaritana como um modo de fazer a história clínica do doente. É curioso como Jesus vai tocando em pontos da vida desta mulher que a poderiam humilhar mas que em nenhum momento ela se sente humilhada ou julgada por Jesus, antes vais experimentando a alegria da libertação. Neste sentido o diálogo é libertador, o diálogo com Jesus cura esta mulher.

Jo 11, 1-44 Ressurreição de lázaro.

Não coloco aqui o texto pela sua extensão. Recordo só os momentos chaves que pretendo realçar. Lázaro cai doente e suas irmãs enviam um mensageiro a avisar Jesus que o seu amigo estava doente. Tendo recebido a doença Jesus permanece onde está mais três dias findos os quais se dispõe a ir a Betânia. Ao chegar é informado que Lázaro morreu. Têm um diálogo com cada uma das irmãs de Lázaro, Marta e Maria e no final ordena a Lázaro que saia do túmulo. Não sem antes ter pedido ajuda para afastar a pedra e retirar as ligaduras do sudário de Lázaro.

A exegese deste texto é realmente muito interessante mas não é o que agora pretendo ao citar este texto. O que surpreende neste texto é ver o grau de empatia que Jesus tem com estes três irmãos. Há até quem afirme que o discípulo amado de Jesus era Lázaro e não João. É dos poucos textos onde Jesus aparece a chorar pela morte de um dos seus amigos e a chorar com Marta e Maria.

Jesus estabelece vínculos reais com aqueles que o procuram. Não é simplesmente um funcionário de Deus, mais um taumaturgo que faz milagres e não se deixa afectar pelas situações daqueles que o cercam. Jesus chora não só por simpatia mas por compaixão e por amizade. Deste rasgo de Jesus não se segue que devemos ser amigos pessoais daqueles que nos procuram em busca de alívio e cura dos seus sintomas. Demasiada implicação afectiva com os pacientes pode ser negativa na acção médica.

Este rasgo de Jesus, que não é um sinal do cristo médico, é importante para que o quadro que pretendo esboçar fique completo pois é uma característica fundamental da personalidade de Jesus que somos convidados a imitar.

A atenção aos pormenores que vão para além do estritamente profissional. Bom samaritano Lc 10, 29-37

Mas ele, querendo justificar a pergunta feita, disse a Jesus: «E quem é o meu próximo?»
Tomando a palavra, Jesus respondeu:

«Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e encherem de pancadas, o abandonaram, deixando-o meio morto. Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante.

Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o

sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: 'Trata bem dele e, o que gastares a mais, pagar-to-ei quando voltar. Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?' Respondeu: «O que usou de misericórdia para com ele.» Jesus retorquiu: «Vai e faz tu também o mesmo.»

Este texto tem sido visto desde sempre como uma parábola que descreve quem é Jesus. Há uns quantos aspectos que gostaria de salientar e que deixam de modo mais visível a acção médica de Jesus.

Nesta pequena parábola encontramos-nos com cinco personagens: o homem que é espancado e deixado a morrer à beira da estrada; o sacerdote; o levita; o samaritano e o estalajadeiro. Nela podemos encontrar diferentes modos de ser e exercer a medicina, tanto no que diz respeito à atenção para com o doente como a atenção para aqueles que colaboram mais de perto com o médico e são imprescindíveis ao trabalho da medicina ao modo de Jesus, enfermeiros e pessoal auxiliar.

O sacerdote e o levita são aqueles que cumprem as regras tais como elas prescrevem que devem exercer a sua profissão. Ambos sabem que tocar num homem ensanguentado os torna impuros e, como tal, incapazes de cumprir a sua tarefa sem antes se submeterem ao ritual de purificação. A sua função e o modo legal de agir são mais importantes que a urgência em quebrar regras e protocolos. Não vêm o homem caído na estrada como alguém a quem cuidar mas antes como um problema que os pode tornar incapazes de cumprir a sua missão.

O Samaritano (abro um parêntesis para explicar que os samaritanos sendo também parte do povo escolhido eram considerados hereges por não cumprirem todas as prescrições da lei mosaica, em particular no que se refere ao templo de Jerusalém) sentindo-se mais livre das regras que prendem os outros é capaz de olhar para o homem caído não como um problema ao exercício da sua missão, mas como uma pessoa que precisa do seu auxílio. E é isto que faz, cuida do homem (é interessante notar como se fazia uma limpeza e cura de feridas neste tempo vinho e azeite como medicamentos). Mas este cuidado não se limita a um limpar as feridas e recolocá-lo no caminho². Coloca-o sobre a sua montada e leva-o para uma estalagem onde fica a cuidar dele toda a noite. Não se limita a uma acção pontual, faz-se cargo dele.

Contudo este fazer-se cargo toma depois uma nova expressão. Confia o cuidado e pleno restabelecimento do homem ao estalajadeiro. Implica outros neste serviço de atenção médica.

² No evangelho de São Lucas estar no caminho é o modo de seguimento de Jesus. Fora dele é local de morte. Daí que, neste relato, seja importante o facto de o homem ter ficado à beira do caminho e incapaz de se reintegrar, de novo, no caminho.

Jesus não trabalha sozinho. Quer precisar da ajuda de outros. Isto significa confiar a outros o cuidado do homem mas sem se desinteressar pela sua recuperação.

Lc 8, 40-56 A cura da mulher com fluxo de sangue e ressurreição da filha de Jairo

Quando regressou, Jesus foi recebido pela multidão, pois todos estavam à sua espera. Veio ao seu encontro um homem chamado Jairo, que era chefe da sinagoga. Caindo aos pés de Jesus, suplicava-lhe que entrasse em sua casa, porque tinha uma filha única, de uns doze anos, que estava a morrer. E, quando Ele se dirigia para lá, a multidão apertava-o, a ponto de o sufocar.

Ora, certa mulher, que sofria de um fluxo de sangue havia doze anos, e que, tendo gasto com os médicos todos os seus haveres, não pudera ser curada por nenhum, aproximou-se por detrás e tocou-lhe na orla do seu manto; e, naquele mesmo instante, o fluxo de sangue parou. Jesus perguntou: «Quem me tocou?» Como todos o negassem, Pedro e os que estavam com Ele disseram: «Mestre, é a multidão que te aperta e empurra.» Jesus insistiu: «Alguém me tocou, pois senti que saiu de mim uma força.» Vendo que não tinha passado despercebida, a mulher aproximou-se, a tremer; e, lançando-se aos pés de Jesus, contou diante de todo o povo por que motivo lhe tinha tocado e como ficara imediatamente curada. Disse-lhe Jesus: «Filha, a tua fé te salvou. Vai em paz.» Ainda Ele estava a falar, quando alguém da casa do chefe da sinagoga veio dizer: «A tua filha morreu; não continues a incomodar o Mestre.» Mas Jesus, que tinha ouvido tudo, respondeu: «Não tenhas receio; crê somente e ela será salva.» Ao chegar a casa, não deixou entrar ninguém com Ele, a não ser Pedro, João e Tiago, assim como o pai e a mãe da menina. Todos a choravam e pranteavam. Jesus disse: «Não choreis, porque ela não está morta, mas dorme.» E, por saberem que ela tinha morrido, troçavam de Jesus. Mas Ele, tomando-a pela mão, chamou-a, dizendo em voz alta: «Menina, levanta-te!» O espírito voltou-lhe, e imediatamente se levantou. Jesus mandou que lhe dessem de comer. Os pais ficaram estupefactos, e Ele ordenou-lhes que não dissessem a ninguém o que tinha acontecido.

Encontramo-nos aqui com duas outras importantes características de Cristo médico. Uma dá-se no encontro com a mulher que sofre de fluxo de sangue há doze anos. A outra encontramos-la no final do episódio da revivificação da filha de Jairo.

Já muitos livros foram escritos sobre a possível doença que esta mulher sofria há já tantos anos. Para compreendermos melhor o alcance desta doença e o porquê da atitude desta mulher ao aproximar-se de Jesus como para lhe roubar a cura, é necessário saber que segundo as leis judaicas cada vez que uma mulher sofria de fluxo de sangue se tornava impura. Só depois de terminado esse fluxo e passados pelos rituais de purificação é que era, de novo, reintegrada na participação plena da comunidade.

Neste episódio, que parece interromper a narrativa da ida de Jesus até à casa de Jairo para lhe curar a filha, dá-se este encontro com a mulher que é curada. Notemos os elementos descritivos que São Lucas nos deixa. Jesus está apertado pela multidão, já deixa bem claro a enorme dificuldade que é distinguir entre um toque devido ao apertado que vai entre a multidão e o toque desta mulher que busca a sua salvação. A mulher por seu lado não se acha digna de se aproximar directamente de Jesus. A sua condição e o tempo que sofre dela fá-la achar-se claramente indigna de pedir o que seja. Confia que tocando Jesus é suficiente e aproveita a confusão.

Jesus dá-se conta da situação da mulher. Ela precisa mais que simplesmente ser curada da sua doença, dos seus sintomas. Jesus ao obrigar à sua revelação pública devolve-lhe não só a saúde mas a dignidade de que ela, durante os doze anos esteve privada³.

Neste pequeno relato encontramos a primeira das duas características que pretende realçar: Jesus sabe distinguir entre as aproximações e toques quais são as que realmente são importantes. E sabe dar-lhes o devido respeito. Está atento à necessidade daqueles que o rodeiam. Não se limita a dar o que é necessário mas devolve a pessoa à sua dignidade.

A segunda característica encontro-a no episódio quase caricato ao final da ressurreição da filha de Jairo. Jesus toma pela mão a menina e ordena-lhe que se levante. Depois disto diz aos seus pais que lhe deem de comer. É importante notar que Jesus não se fica pelos sintomas e a sua cura. Nota que é importante dar de comer à menina. Vê para além da necessidade que o fez ir a casa da menina.

Finalmente a última actitude de Cristo médico que gostava de salientar é a que encontramos na última ceia na versão de São João.

Jo 13, 1-17

Antes da festa da Páscoa, Jesus, sabendo bem que tinha chegado a sua hora da passagem deste mundo para o Pai, Ele, que amara os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até ao extremo. O diabo já tinha metido no coração de Judas, filho de Simão Iscariotes, a decisão de o entregar. Enquanto celebravam a ceia, Jesus, sabendo perfeitamente que o Pai tudo lhe pusera nas mãos, e que saíra de Deus e para Deus voltava, levantou-se da mesa, tirou o manto, tomou uma toalha e atou-a à cintura. Depois deitou água na bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha que atara à cintura. Chegou, pois, a Simão Pedro. Este disse-lhe: «Senhor, Tu é que me lavas os pés?» Jesus respondeu-lhe: «O que Eu estou

³ Notemos também que esta é a única mulher que Jesus cura em espaço público. No tempo de Jesus o espaço da mulher era o da casa. O espaço público era lugar do homem. O facto de Jesus obrigar a mulher a expor-se neste espaço e a declarar curada neste espaço está a conferir-lhe uma dignidade que não era usual nem comum. Esta mulher é elogiada pela ousadia da sua fé num espaço público.

a fazer tu não o entendes por agora, mas hás-de compreendê-lo depois.» Disse-lhe Pedro: «Não! Tu nunca me hás-de lavar os pés!» Replicou-lhe Jesus: «Se Eu não te lavar, nada terás a haver comigo.» Disse-lhe, então, Simão Pedro: «Ó Senhor! Não só os pés, mas também as mãos e a cabeça!» Respondeu-lhe Jesus: «Quem tomou banho não precisa de lavar senão os pés, pois está todo limpo. E vós estais limpos, mas não todos.» Ele bem sabia quem o ia entregar; por isso é que lhe disse: 'Nem todos estais limpos'. Depois de lhes ter lavado os pés e de ter posto o manto, voltou a sentar-se à mesa e disse-lhes: «Compreendeis o que vos fiz? Vós chamais-me 'o Mestre' e 'o Senhor', e dizeis bem, porque o sou. Ora, se Eu, o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Na verdade, dei-vos exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também. Em verdade, em verdade vos digo, não é o servo mais do que o seu Senhor, nem o enviado mais do que aquele que o envia. Uma vez que sabeis isto, sereis felizes se o puserdes em prática.

Neste magnífico relato síntese da vida de Jesus encontramos patente também a expressão máxima do ser médico de Jesus. Recordemos que Jesus Cristo é o salvador, aquele que salva que dá a vida, e neste sentido, aquele que é O Médico.

Mas de que modo assume Jesus esta sua missão? Responder a esta pergunta equivale a fazer todo um curso de teologia sobre o messianismo de Jesus, o modo como Jesus assume a sua função de messias, de Cristo o Ungido. Se os textos das tentações de Jesus no deserto são referências ao tempo de discernimento de Jesus sobre esse papel. Este texto do lava-pés é o paradigma de como Ele exerceu a sua missão, de como Ele escolheu ser o messias de Deus.

“Levantou-se da mesa, tirou o manto, tomou uma toalha e atou-a à cintura. Depois deitou água na bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha que atara à cintura.” Estas duas frases que recordam o hino cristológico de Filipenses⁴, são a pedra de toque do ser médico de Jesus. Jesus salva porque serve. Encontramos aqui uma nova forma de revelar Deus. Todas as acções de Jesus que tornam presente e mostram já actuante o Reino entre nós, apontam para esta novidade da revelação de Deus. Um Deus de joelhos, diante de nós, a servir-nos.

Note-se que o texto deixa bem claro a consciência de Jesus sobre si mesmo, e que ao final do gesto Ele retoma de novo as suas vestes. E acrescenta um convite a que façamos como Ele. Sendo que nisto consiste a nossa felicidade. Cristo é médico porque serve desde a posição mais humilde, por opção não por imposição.

⁴ Fil 2, 5-11

2- Cristo médico hoje

Na secção anterior salientei alguns rasgos que me parecem ser os mais importantes na figura de Cristo médico. Mas e de que modo são importantes para o ser médico hoje? Como os podemos traduzir na nossa vida como médicos?

Recordo brevemente os rasgos apontados anteriormente:

- 1) O exercício da medicina é uma colaboração no tornar presente entre nós o Reino;
- 2) Ser médico como aquele que olha não só a doença mas a totalidade da pessoa;
- 3) Jesus implica-se com a vida daqueles com quem contacta, não fica numa posição asséptica;
- 4) Faz-se próximo, cuida e entrega;
- 5) Reintegra, e devolve a dignidade;
- 6) Está atento à pessoa para além dos sintomas;
- 7) Está como quem serve.

Em que medida estes rasgos me parecem importantes hoje para o exercício da medicina?

Creio que para todos os médicos, de que especialidade forem, as políticas médicas, a tecnicização do exercício da medicina, a racionalização dos meios e a especialização são sempre uma tentação que nos pode levar deixar de ser profissionais para exercer a medicina como uma mera técnica. A própria forma de exercício da medicina como medicina baseada na evidência, com todas as vantagens que acarreta tem como tremenda dificuldade o esquecer que diante de nós se encontra uma pessoa. Pessoa essa que é sempre alguém mais que a sua/suas doenças/s e sintomas.

A ligação forte entre a medicina e os sinais do anúncio do Reino recorda a fundamental característica da medicina como vocação. Melhor dizendo, da medicina como sacerdócio. Ser médico é, para um católico, a realização de uma identificação com a figura de Jesus que através de gestos médicos, mostra presente, já entre nós, a salvação.

Outra característica que Cristo médico nos recorda é o cuidado a ter com o modo como tratamos o doente. É sempre uma pessoa doente que vem ter connosco. E mesmo tendo que correr contra as regras que estipulam tempos rígidos para a consulta, nunca esquecer que é uma pessoa que temos diante de nós. E mais uma pessoa em estado de fragilidade que necessita ser acolhida como pessoa e não como um mero conjunto de sintomas.

A arte da conversa com o doente na hora de realizar uma história clínica, de dar a conhecer os tratamentos a efectuar, informar das patologias, etc, há-de ser sempre feita de modo a deixar clara a pessoa sem a humilhar ou retirar a dignidade que lhe é própria (ao jeito de Jesus com a Samaritana). Neste sentido o modo como E. Levinas, filósofo judeu lituano-francês, propõe que tratemos qualquer pessoa que está diante de nós é paradigmático e poderia ajudar a criar um melhor paradigma da relação médico-doente. Afirma ele que o outro nunca se nos apresenta como um igual antes se apresenta de dois modos distintos e quase em simultâneo. Irrrompe e impõe-se diante de nós como o “órfão a viúva e o estrangeiro” categorias bíblicas que representam aqueles sobre os quais eu tenho obrigação de proteger. Mas também como o meu mestre e senhor que me ordena “não matarás”, i.e., não reduzirás a um igual a ti. Neste sentido propõe uma ética que vai mais além da regra de ouro: trata o outro como a ti mesmo. Esta relação de assimetria é que em Jesus lhe permite aproximar-se da samaritana e revelar-lhe a sua história sem a ofender ou diminuir diante dos seus conterrâneos.

A terceira característica pode parecer estranha: como implicar-nos com a vida dos doentes sem nos envolvermos afectivamente? O segredo está em aprender de Jesus a implicação afectiva. É claro que devemos manter e cuidar da distância necessária para evitar a implicação afinal são nossos doentes e não familiares. Mas olhando para Jesus vemos que ele não olha para nós como pecadores necessitados de um salvador. Ele faz-se um de nós. Aproxima-se e até se faz amigo. Tendo a solução nunca aparece como o salvador a modo de um mágico ou um vendedor ambulante de soluções.

Conhece aqueles de quem se aproxima. Sendo seus seguidores também este exemplo nos convida a tentar saber mais das circunstâncias familiares, sociais, económicas, religiosas dos doentes. É todo este cuidado pela totalidade da pessoa que é necessário cuidar. É por isso que Jesus chora o seu amigo. Muitas vezes a nós não nos restará outra coisa senão também chorar por sermos incapazes de dar salvação a um doente que não pode ou não que cumprir tratamentos; não tem casa para onde ir; não tem família que o cuide e é depositado no hospital; etc. Chorar com estas e outras circunstâncias ajudam-nos a perceber que estamos implicados efectivamente tal como Jesus. Mas também como Jesus esta implicação afectiva, por estarmos e fazermos parte da igreja, leva-nos a tentar encontrar formas e modos de ajudar a que a ressurreição de lázaro se continue a dar hoje.

Ser médico como Jesus foi leva-nos a deixarmo-nos aproximar, dos que nos buscam e daqueles que trabalham connosco. Aprender a trabalhar e realizar a missão que nos toca mas ao mesmo tempo cultivar a sabedoria do delegar.

Reconhecer os nosso limites e enviar a outros é parte não só da boa prática médica mas também é parte da nossa identificação com Cristo médico. É isto que podemos aprender com

o “Bom Samaritano”. O trabalho entre as diferentes especialidades médicas e demais áreas profissionais que entram em jogo no exercício da medicina, tanto em ambiente hospitalar como clínico poderia ser muito mais sinal da presença do reino se o vivêssemos deste modo.

Aprender com Jesus o modo como ele reintegra as pessoas nas comunidades também nos pode ajudar a concluir o trabalho não só na eliminação dos sintomas e cura da enfermidade ou pelo menos o seu controle quando se trata de uma situação crónica, mas perceber o modo como essa doença afeta a vida familiar e social dessa pessoa. Doenças infecto-contagiosas, oncológicas e fortemente incapacitantes, entre outras, precisam de atenção redobrada. Tal como Jesus e a mulher que sofria de fluxo de sangue, não basta simplesmente constatar a cura. Jesus percebe que há outro sintoma mais profundo que é necessário curar. Faz parte do nosso exercício de médicos como Jesus médico, dar-nos conta destes e outros sintomas que, não sendo importantes para uma boa história clínica, são fundamentais para um bom exercício da minha vocação médica.

Esta só se realiza plenamente se for colocando em Jesus o modelo da minha profissão. Ser médico como Jesus é antes de mais ser seu discípulo. Isto só é possível se eu me colocar como seu seguidor. Não querendo ser mais que Ele, que sendo Deus, se ajoelha e nos lava os pés. Aceitemos o seu convite e façamos como Ele. Que cada vez que vistamos as batas nos recordemos que estamos a colocar a toalha à cintura e somos convidados a lavar os pés àqueles que de nós se aproximam. Não é fácil, nem será sempre com agrado e com um sorriso na cara que o faremos. Também Jesus lavou os pés aquele que o ia trair. Mas uma coisa é certa a promessa que Jesus nos deixa ao final da cena do lava-pés “felizes sereis se o puserdes em prática”.

Ser médico como Jesus médico e ser colaborador na missão de Cristo, anunciando a boa-nova da Salvação através de gestos que tornam evidente a presença do Reino. Para isso é-nos pedido não só uma excelência técnica mas também e principalmente uma excelência humana e de seguidores de Jesus.

José Eduardo Lima, sj